

Com democracia, o dinheiro pode voltar

LEONARD SILK.
Do N.Y. Times

CIDADE DO PANAMÁ — As novas democracias latino-americanas conseguirão estabilizar a economia dos respectivos países e trazer de volta os capitais que foram levados para o Exterior? A pergunta é feita no encontro de representantes dos bancos da região que se realiza na Cidade do Panamá, justamente um dos refúgios para quem quer defender-se da inflação e dos riscos de instabilidade política na região.

Os depósitos nos bancos panameños chegam ao total de US\$ 35 bilhões. Desse total, US\$ 30 bilhões representam dinheiro estrangeiro. A soma é quase oito vezes maior do que o Produto Nacional Bruto do Panamá. Os depósitos estrangeiros nos bancos panameños constituem apenas parte da enorme parcela de capital à espera da esta-

bilidade política para retornar à América Latina.

A tendência em direção à democracia na Argentina, Brasil e outros países representa não somente um movimento popular contra as ditaduras militares, mas também a esperança de que a estabilidade econômica e o crescimento podem ter melhor oportunidade num regime livre. "Parte do dinheiro pode voltar", diz Pedro Pablo Kuczynski, ex-ministro das Minas e Energia do Peru e atualmente na presidência do First Boston International, um banco de investimento. Uma política doméstica sábia é a chave, assinala. Ele sugere que com uma combinação de ações internacionais — acordos para proteger investidores investimentos privados norte-americanos no Exterior e reforço do papel do Banco Mundial no setor de financiamentos internacionais — as políticas domésticas corretas poderão restaurar o fluxo de capital e investimentos na

América Latina. A questão, acrescenta, é se há tempo suficiente.

Os representantes dos bancos que discutem a situação econômica mundial e a dívida latino-americana têm as suas ansiedades. Luis H. Moreno Jr., diretor-geral do Chase Manhattan Bank no Panamá, ainda designa a América Latina como o "continente da esperança". Mas alerta para os problemas. Observa, por exemplo, que a região tem a maior taxa de crescimento populacional dentro do mundo em desenvolvimento, uma população superior a 360 milhões de pessoas, 41% das quais abaixo dos 15 anos, com 25% a 30% de desempregados. Ele considera a região uma área convulsiva, uma encruzilhada em terreno potencialmente explosivo, como a América Central.

O problema do débito está longe de uma solução. Kuczynski afirma que a dívida externa latino-americana vem crescendo na média de 30% nos últimos

três anos, passando a US\$ 380 bilhões, "simplesmente para pagar juros, que absorvem o equivalente a 40% dos ganhos de exportações" de mercadorias. Nenhum país da área, com possível exceção do Panamá e da Colômbia, tem acesso ao mercado financeiro hoje em dia, observa.

Reconhecendo a crucial importância das medidas para os governos latino-americanos eliminarem a inflação, os representantes dos bancos insistem que os países da região não conseguirão resolver os problemas, possivelmente, se o mundo cair numa nova recessão. Sem uma retomada do crescimento e da estabilidade, haveria pequena esperança do retorno dos capitais. Eles estarão atentos às decisões das reuniões do Fundo Monetário Internacional (FMI), esta semana em Washington, e às que forem tomadas no encontro dos sete principais países industrializados em Bonn.